

Marcadores discursivos com funções modais: Uma análise contrastiva de *claro* e seus equivalentes funcionais em francês

Amália Mendes¹, Pierre Lejeune¹

¹Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Resumo

As funções modais desempenhadas por alguns marcadores discursivos têm sido alvo de análises para várias línguas. Este artigo analisa os diferentes valores veiculados pelo marcador discursivo *claro*, tomando como ponto de partida uma perspectiva contrastiva com o francês, com base em corpora escritos e orais monolíngues e paralelos, de forma a identificar marcadores discursivos que podem ser equivalentes funcionais de *claro* em diferentes contextos. Os contextos de *claro* e dos seus equivalentes em francês nos corpora permitem identificar um valor de concordância e conhecimento partilhado com o interlocutor e de eliminação da alteridade (*bien sûr*), de factualidade (*de fait, c'est un fait*), de oposição e até ironia (*bien entendu*) e a inserção em estruturas argumentativas precedendo segmentos contrastivos ou concessivos (*certes*). Mesmo nos contextos em que *claro* não responde ou comenta o discurso de um interlocutor direto, estabelece um relação entre o discurso do locutor e um outro discurso, quer o discurso de uma comunidade epistémica em que o locutor se insere, quer um discurso implícito de um alocutor real ou virtual.

Palavras-chave: marcadores discursivos, polifuncionalidade, modalidade, análise contrastiva, corpora.

Abstract

The modal functions performed by some discourse markers have been the subject of analysis for several languages. This paper analyzes the different values conveyed by the Portuguese discourse marker *claro*, and takes a contrastive perspective with French, based on monolingual and parallel, written and spoken, corpora, in order to identify discourse markers that are functional equivalents of *claro* in different contexts. Contexts of *claro* and its French equivalents in corpora show a meaning of agreement and shared knowledge, as well as the elimination of alterity (*bien sûr*), factuality (*de fait, c'est un fait*), opposition and even irony (*bien entendu*) and the insertion in argumentative structures preceding contrastive or concessive segments (*certes*). Even in contexts in which *claro* does not responds to or comments on the discourse of a direct interlocutor, it establishes a relationship between the speaker's discourse and another discourse, either the discourse of an epistemic community that includes the speaker or the implicit discourse of a real or virtual speaker.

Keywords: discourse markers, polyfunctionality, modality, contrastive analysis, corpora.

1. Introdução

Os marcadores discursivos constituem uma categoria cujas unidades podem assumir várias funções na estruturação semântica e pragmática do discurso, nos níveis proposicional, estrutural e modal/interpessoal (entre outros, Cuenca & Marín, 2009; Halliday & Matthiessen, 2004; Pons Bordería, 1998). Os marcadores discursivos podem desempenhar funções ao nível proposicional, ligando entre si duas proposições e especificando a natureza semântica dessa ligação, como por exemplo, um valor causal, contrastivo ou condicional, sendo nesse caso caracterizados como conectores discursivos. Por outro lado, podem desempenhar funções ao nível da organização textual, sinalizando, por exemplo, uma relação elaborativa ou resumativa, ou uma mudança de



tópico, entre dois segmentos textuais. Finalmente, os marcadores discursivos podem ter funções pragmáticas, associadas a valores interpessoais e valores modais, sendo por vezes designados como marcadores pragmáticos quando desempenham essas funções que não requerem a conexão entre dois segmentos. Não é possível distinguir subcategorias precisas dentro da categoria dos marcadores discursivos, uma vez que um mesmo marcador pode desempenhar várias funções, em contextos diferenciados (um exemplo dessa polifuncionalidade é o caso de *pois*: Costa, 2013; Lejeune & Mendes, 2020; Lima, 2002; Lopes, 2012). No caso da língua alemã, está ainda descrita a categoria das partículas modais, que veicula valores modais e apresenta propriedades morfossintáticas distintas (Diewald, 2013; Waltereit, 2001). A relação entre marcadores discursivos e partículas modais, no alemão e também nas línguas românicas, tem sido objeto de discussão (Degand et al., 2013). A questão é pertinente para a nossa análise de *claro* e iremos discutir na próxima secção análises que por vezes refletem sobre a categorização de equivalentes funcionais de *claro* enquanto marcador discursivo e/ou partícula modal.

O nosso objetivo é refletir sobre o comportamento de *claro*, que apresenta funções discursivas e, também, pelo significado do adjetivo que lhe dá origem, valores modais. A análise terá em consideração possíveis equivalentes funcionais de *claro* em francês. Uma abordagem contrastiva apresenta, na nossa opinião, várias vantagens: por um lado, o resultado pode contribuir para estudos de tradução, ao integrar soluções para unidades frequentemente polissémicas e polifuncionais (Crible & Degand, 2019), e, por outro lado, configura-se como uma metodologia eficaz na identificação dos valores das unidades e da sua identidade semântica (Franckel, 2005), ao revelar diferenças de significado que poderiam não ser evidentes numa análise não contrastiva. Para levar a cabo este objetivo, iremos recorrer a contextos de *claro* em dois corpora paralelos: o corpus Europarl (Koehn, 2005), que permite observar os contextos de *claro* e seus equivalentes em francês em textos de um género muito específico, as atas das sessões do Parlamento Europeu nas várias línguas do espaço comunitário; e o romance *Balada da Praia dos Cães* de Cardoso Pires e sua tradução para francês, escolhido por a obra ter várias sequências de diálogos entre as personagens (pela frequente representação de diálogos informais, esta obra de ficção deu já resultados interessantes na análise de marcadores discursivos (Duarte, 1989; Duarte, 2005; Lejeune & Mendes, no prelo). Consideramos os corpora paralelos como um recurso fundamental para estudos contrastivos, pois permitem identificar diferenças significativas de forma e sentido entre diferentes línguas (Mauranen, 1999, 2016; Noël, 2003), sendo que estes corpora “should be recognized as the normal part of a natural language that they are” (Mauranen, 1999. p. 161). Notamos aqui a dificuldade em determinar no corpus Europarl a língua original a partir do qual foram elaboradas as versões portuguesa e francesa, podendo nalguns casos a tradução ter sido elaborada a partir de uma língua pivô, i.e., o inglês. Independentemente da fonte de cada texto, consideramos que as opções de transposição são igualmente válidas para um trabalho contrastivo e contribuem para o objetivo final de identificar variações de significado no marcador discursivo *claro*. Para complementar a análise e confirmar valores de *claro* e seus equivalentes em francês, recorreremos a dois corpora monolíngues, o *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, subcorpus escrito online (Généreux et al., 2012)¹, e subcorpus oral², e o *Corpus de Français Parlé Parisien des années 2000* (CFPP2000)³.

A análise de *claro* insere-se no trabalho em curso sobre marcadores discursivos que veiculam valores modais, como o caso de *de facto*, que assinala, de forma geral, um comprometimento do locutor baseado num valor de factualidade. Pretendemos analisar a relação entre *claro* e os seus equivalentes funcionais em francês, como *bien sûr*, *evidemment*, *il est évident que*, *bien entendu*, *de fait*, *certainement*, *naturellement*, *il va de soi*, *certes*, (Amiot & Flaux, 2007; Anscombe, 2013; Dostie, 2001; Péroz, 1992), sendo muito limitados os contextos em que a forma etimológica mais próxima *clair* pode ocorrer como equivalente funcional de *claro*, mostrando processos de gramaticalização distintos nas duas línguas.

¹ gamma.clul.ul.pt/CQPweb/crpc

² teitok.clul.ul.pt/crpcoral

³ <http://cfpp2000.univ-paris3.fr/search-transcription/#10>



2. Valores de *claro* e seus equivalentes funcionais descritos na literatura

A análise dos marcadores *claro*, em castelhano, e *(és) clar*, em catalão, que derivam de formas adjetivais, identifica a sua polifuncionalidade (Cuenca, 2012; Cuenca & Marín, 2012; Fuentes, 1993; Pons, 2003). Estes marcadores, que ocorrem tipicamente em contextos interacionais, são descritos como marcando valores de concordância em relação a outro turno de fala e um conhecimento partilhado. No caso do catalão, *clar* é descrito como podendo apontar para um valor de contraste ou concessão e, na posição inicial de turno, como podendo ainda amenizar a tomada do turno de fala ao apresentá-la como alinhada com a intervenção precedente do interlocutor (Cuenca, 2013). Esta análise aponta para uma função modal de marcação de certeza e uma função estrutural de introdução ou reorientação de um turno de fala. A autora discute a categorização desta unidade, tendo em consideração as propriedades que caracterizam as partículas modais:

It [(és) clar] exhibits the main features that Waltereit (2001) identifies as distinctive of MPs: it operates at a speech-act level modifying the speech-act conditions and has a non-modal counterpart – the adjective *clar* –, to which it is related metonymically. (...) However, it also introduces turns and utterances, as conjunctions, parenthetical connectives and pragmatic connectives do, and it is parenthetical and combines with conjunctions, just like parenthetical and pragmatic connectives. It can be thus considered a form occupying the fuzzy space between pragmatic connectives and modal particles (Cuenca, 2013, p. 204).

Várias análises consideram válido aplicar a categoria de partícula modal às línguas românicas (Coniglio, 2008; Favaro, 2021; Remberger, 2020). Com base nos trabalhos para o alemão, são identificadas algumas propriedades desta categoria: não terem flexão; terem um homónimo noutra classe morfossintática; não serem acentuadas; não poderem ocorrer em posição inicial de frase, nem poderem ser coordenadas ou interrogadas; estarem frequentemente associadas a um tipo de ato de fala; não poderem constituir uma resposta curta a perguntas; serem sintaticamente integradas (não serem um elemento parentético) (Coniglio, 2008; Diewald, 2013). Algumas destas propriedades são partilhadas pelos marcadores discursivos, como a ausência de flexão. Além disso, os marcadores discursivos e as partículas modais focam ambos valores ao nível das atitudes e dos atos de fala. No entanto, outras propriedades das partículas modais, como não ocorrerem em posição inicial de frase/enunciado ou estarem sintaticamente integradas, são distintas (Diewald, 2013). Para o português, um pequeno conjunto de elementos, como *lá*, tem sido considerado como tendo usos que reúnem as propriedades desta categoria (Franco, 1990; Meisnitzer, 2012).

Embora não seja nosso objetivo analisar equivalentes funcionais do inglês, vale a pena referir o trabalho de Aijmer (2013) sobre *of course*, uma vez que a autora identifica um uso como marcador discursivo que tem um valor de contraste ou concessão, podendo ocorrer com conjunção adversativa e aditiva (*but of course, and of course*), e um valor de organização do discurso (no início de frase/turno de fala, seguido de vírgula). Para além desses usos, identifica contextos em que tem a função de partícula modal, assinalando informação de tipo *common ground*, marcando consenso e consolidando uma relação harmoniosa com o ouvinte. No entanto, utiliza a categoria “partícula modal” com base em critérios funcionais, não aplicando vários critérios formais, como, por exemplo, a impossibilidade de ocorrência em posição inicial de frase/enunciado, que caracteriza as partículas modais.

O marcador *claro* do português europeu foi objeto de análise em Lopes (2021), que distingue usos que constituem ou não diálogos. Nos usos em diálogos, *claro* é descrito como configurando uma resposta afirmativa enfática a atos discursivos de pergunta ou pedido, em que o caráter marcado de *claro* se opõe ao uso de *sim*, tal como referido para o castelhano e para o catalão (Cuenca, 2013; Pons, 2012), por denotar que o conteúdo proposicional sobre o qual *claro* tem escopo é conhecimento partilhado; poderá ainda ter um valor de marcador de acordo, e um valor que sinaliza uma atitude de atenção cooperante na interação. Nos restantes usos, descrevem-se um valor de modalizador epistémico e valor concessivo.

Enquanto o português, o espanhol e o catalão têm um marcador discursivo com origem no adjetivo *claro* e seus equivalentes etimológicos, o mesmo não ocorre em francês. Em (1), *claro* e *clair* são adjetivos em



construção predicativa em português (1a) e em francês (1b). No entanto, nos exemplos (2) a (4), o equivalente possível para *claro* seria o advérbio *clairement* e não o adjetivo *clair* (embora outros marcadores discursivos fossem mais adequados do que *clairement* como se verá abaixo). Em situação de diálogo, como em (2), *clair* não pode constituir uma resposta a uma pergunta e, na avaliação de uma proposição, apenas o advérbio é aceitável, quer em posição inicial de frase (3), quer em posição pré-verbal (4). Os usos de *é claro que* admitem, pelo contrário, os equivalentes *c'est clair que* e *il est clair que* como equivalentes (5), não podendo ocorrer nestes casos o advérbio *clairement* seguido de *que*. É de notar que uma pesquisa no corpus Europarl de *il est clair que* mostra que um equivalente funcional frequente em português é *é evidente que* (6). Os dados em (1)-(6) mostram um percurso de gramaticalização diferente no caso do francês, em que o adjetivo *clair* ocorre nas construções *c'est clair, il est clair que*, mas não assumiu funções de marcador discursivo em contextos como (2)-(4).

- (1a) Precisamos, naturalmente, de navios de casco duplo. Isto é claro, mas é algo que apenas vai ter efeitos a médio e longo prazo.
- (1b) Naturellement, nous avons besoin de navires à double coque. C'est clair. Cependant, c'est une chose qui ne peut être atteinte qu'à moyen ou long terme. (Europarl 2305)
- (2a) A: O João vai ganhar as eleições ?
B: Claro.
- (2b) A: Jean va gagner les élections?
B: *Clair / Clairement
- (3a) Claro, o João vai ganhar as eleições.
(3b) *Clair / Clairement, Jean va gagner les élections.
- (4a) O João, claro, vai ganhar as eleições
(4b) Jean, *clair / clairement, va gagner les élections.
- (5a) É claro que o João vai ganhar as eleições
(5b) C'est clair que / Il est clair que Jean va gagner...
- (6a) é evidente que acompanharemos de muito perto a forma como a legislação da UE será aplicada
(6b) il est clair que nous examinerons minutieusement la manière dont la législation de la CE sera appliquée (Europarl 1498)

Quais são então as unidades que em francês podem funcionar como equivalentes de *claro*, uma vez que o candidato mais óbvio (*clair*) não assume a totalidade dessas funções? Com frequência, o equivalente é *bien sûr*, que literalmente corresponde a 'bem certo/seguro', com valor epistémico. A análise de Anscombe (2013) salienta que o uso de *bien sûr* é uma reação a um enunciado anterior, explícito em (7) ou virtual, como em (8) (a Lia não vai chegar). A proposição é encarada como um saber partilhado ou previsível, por ser por exemplo uma regra geral, num ponto de vista que tem como fonte uma comunidade indefinida a que pertence o locutor do enunciado, fonte que Anscombe (2013) designa como um *ON-locuteur*. Note-se que, em (7) e (8), é apresentado como saber partilhado o que não era óbvio para o interlocutor.

- (7) – Je me demande s'il va faire beau.
– Bien sûr qu'il va faire beau! La météo l'a dit. (Anscombe, 2013, p. 81, ex. 37)
– 'Pergunto-me se vai estar bom tempo.
– Claro que vai ! Disse-o o Instituto de meteorologia' [nossa tradução]



- (8) Arrête de tourner en rond! Bien sûr que Lia va venir! (Anscombe, 2013, p. 80, ex. 33)
'Para de andar às voltas! Claro que a Lia vai chegar!' [nossa tradução]

Outro equivalente funcional de *claro* é *évidemment* (Dostie, 2001), formado a partir do adjetivo *évident*. Este marcador não aceita ser modificador do predicado, à semelhança de *claro* e *clair* e de *evidentemente* (*explicou claro a situação / *Il a expliqué clair la situation / *explicou evidentemente a situação / * Il a expliqué évidemment la situation) e ao contrário de *clairement* (Il a expliqué clairement la situation). O uso de *évidemment* pode qualificar um enunciado do próprio locutor, contrariando um potencial juízo negativo ou contra-argumento do co-enunciador, ou pode qualificar uma afirmação do co-enunciador como sendo algo com que concorda ou eventualmente algo que considera banal. Tal como no caso de *bien sûr*, *évidemment* sinaliza uma conclusão previsível.

- (9) A: Tu ne peux pas venir.
B: Évidemment. (Dostie 2001, p. 71, ex. 11)
'A: Não podes vir
B: Claro.' [nossa tradução]

No exemplo (9), a resposta com *évidemment* (que pode ter em português o equivalente funcional *claro*) indica que a informação é conhecida, ou que, embora não conhecida, não é surpreendente (Dostie, 2001). Como refere Franckel:

Évident est formé sur le même étymon que *voir* : *evidere* (latin) signifie 'ce qui ressort de ce que tout sujet peut voir'. À la différence de *visible*, *évident* en tant que signifiant 'issu et sorti du visible' ne convoque pas un S [sujet] particulier: ce qui est évident s'impose, se passe de justification, n'a pas à être argumenté, raisonné, justifié, ni même asserté. (Franckel et al., 2017)⁴

Por sua vez, o possível equivalente funcional *naturellement* remete para um saber partilhado, que pode ser construído durante a interação, em que sobressai a interpretação do enunciado como decorrendo de uma convenção, eventualmente uma convenção natural e inevitável (Amiot & Flux, 2007).

Quanto à *clairement*, apesar da sua proximidade etimológica com *claro* e de poder como ele assumir valores de marcador discursivo, é funcionalmente muito menos próximo de *claro* do que *bien sûr* e *évidemment*. Mesmo quando é aceitável o uso de *clairement* numa posição sintática igual à de *claro*, os dois marcadores têm geralmente valores semânticos diferentes. Contrariamente a *bien sûr*, *évidemment* e *claro*, encontramos *clairement* em posição predicativa como "advérbio de modo orientado para o sujeito": Paul a distingué *clairement* (**bien sûr*, **évidemment*) deux silhouettes / O Paulo distinguiu *clairement* (**claro*) duas silhuetas (Molinier, 1990. p. 40). Num artigo já antigo, Molinier (1990) afirma peremptoriamente que *clairement* não existe como marcador discursivo modal epistémico (na sua terminologia "advérbio disjuntivo de estilo"). Recusa por exemplo um enunciado como "**Clairement*, Paul a eu tort / *Clairement* (**Claro*) o Paulo enganouse (no sentido de não há dúvida de que...)". Ora encontramos na base Frantext alguns (muito poucos, é verdade) exemplos que mostram que não é o caso, p. ex no século XIX, em Zola (*La bête humaine*) :

- (10) Jacques restait les yeux largement ouverts sur lui; et, sous ce regard, où il lisait une surprise croissante, il s'agitait, comme pour échapper à sa propre ressemblance; tandis que sa femme, elle aussi, suivait, glacée, le travail sourd de mémoire, exprimé par le visage du jeune homme.
Clairement, celui-ci s'était étonné d'abord de certaines analogies entre Roubaud et l'assassin

⁴ Tradução nossa: "*Évident* é formado sobre o mesmo étimo de *voir* 'ver': *evidere* (latim) significa 'o que emerge daquilo que todo o sujeito pode ver'. Contrariamente a *visible* 'visível', *évident*, por significar 'oriundo e saindo do visível' não convoca um S particular: o que é evidente impõe-se, não precisa de justificação, não precisa de ser argumentado, fundamentado, justificado, nem mesmo assertido."



‘Jacques continuava com os olhos muito abertos na sua direção; e, por baixo desse olhar, em que lia uma surpresa crescente, agitava-se como se quisesse fugir da sua própria semelhança; enquanto a sua mulher seguia, congelada, o trabalho surdo de memória, exprimido pela cara do jovem. Claramente / ?Claro (que) este tinha estranhado primeiro algumas analogias entre o Roubaud e o assassino’ [nossa tradução]

Esse tipo de uso de *clairement* enquanto marcador epistémico, raro na altura do artigo do Molinier, passou nos últimos anos a proliferar. Em posição sintaticamente não integrada, encontramos atualmente exemplos como os seguintes (extraídos de fontes monolíngues, para além dos corpora indicados na Secção 1, e com traduções nossas):

- (11) Clairement, on va avoir une pénurie et une flambée des prix de l'énergie. (France Inter, 2023)
‘Vamos ter de certeza uma penúria e uma subida em flecha dos preços da energia’
- (12) On fait de notre mieux mais là clairement on est franchement à la bourre ! (Radio Crimi 2020)
‘Estamos a fazer todos os possíveis mas nesta altura está tudo claramente (? *claro*) fora de controlo’
- (13) –C'est pas mal, ce qu'ils ont fait, nota la mère de Steph.
– Ouais. –Tout était gris dans cette ville. C'était moche.
– Clairement (Nicolas Mathieu, *Leurs enfants après eux*, 2018)
‘Não está nada mal, o que fizeram, reparou a mãe do Steph – Sim – Tudo era cinzento nesta cidade. Era feio – Sem dúvida’
- (14) Arturo Vidal donne son avis sur le cas Ousmane Dembélé : « Ousmane est un footballeur avec un talent fou. Quand il arrivera à maturité, il sera un joueur important du Barça et de l'équipe de France. Mais, clairement, il a besoin de mûrir. (BFM TV, 2018)
‘Arturo Vidal dá a sua opinião sobre o caso Ousmane Dembélé: «Ousmane tem um talento incrível. Quando atingir a maturidade, será um jogador importante do Barça e da equipa francesa. Mas, sem dúvida, precisa de amadurecer.’

Nesses exemplos, *bien sûr* e *évidemment* na versão francesa, *claro* na versão portuguesa, não seriam impossíveis, mas dariam aos respetivos enunciados um sentido ligeiramente diferente. Enquanto *claro*, *évidemment*, *bien sûr* remetem para uma pré-construção (com saber partilhado – ou sem – o interlocutor dúvida de *p* ou acha que não *p* – validação) da relação predicativa, o valor epistémico de *clairement* é construído diretamente no enunciado (valor de certeza: seleção de um valor e eliminação dos valores complementares). No primeiro caso, temos um efeito de sentido de tipo “como toda a gente sabe” que não se tem no segundo.

A pré-construção no caso de *claro*, *évidemment* e *bien sûr*, e a ausência da mesma com *clairement*, é visível nas seguintes (in)compatibilidades, em enunciados em que nas duas línguas *que* é marcador de pré-construção:

Bien sûr / *Evidemment* / ? *Clairement* qu'il va le faire (*Claro* que o vai fazer).

Seria interessante confrontar esses empregos de *clairement* com os de *claramente*, com os quais existe um paralelismo evidente. Por exemplo, nos três exemplos extraídos da mesma entrevista do ciclista João Almeida, *claramente* podia cada vez ser traduzido em francês por *clairement*, sem alteração de sentido.

- (15) No dia em que ganhei a etapa, claramente pensei que havia a possibilidade de trazer a [camisola] rosa, mas nas etapas seguintes, que eram muito duras e em que os adversários estavam muito fortes, percebi que seria muito difícil. [...] Claramente ele [Tadej Pogacar] é um ciclista que está um nível acima de mim - ou dois, quem sabe. [...] Quando fiz a última preparação na Serra



Nevada, de três semanas, estava com os meus companheiros [da UAE Emirates] e um dia decidimos deixar só o bigode. Dissemos 'é só até à corrida, depois tiramos'. Depois, não tirei, e ficou o bigode. Claramente que, se calhar, chego a casa e corto o bigode", concluiu, entre risos. (Público, 29/5/2023)

Na nossa análise, iremos observar as propriedades de *claro*, tendo em consideração as propostas de categorização e valores referidos nesta secção. Interessa-nos analisar os contextos de *claro* e observar se existem fronteiras claras entre as diferentes funções desempenhadas por esta unidade ou se um valor de base modal pode configurar um significado de base (*core meaning*) desta unidade, com variações de significado em contexto, à semelhança do que propomos para *de facto*, em que o valor geral de confirmação está presente nos diferentes usos do marcador discursivo.

3. Os valores de *claro* em português europeu

A análise dos contextos de *claro* em português europeu será dividida em dois grandes conjuntos: por um lado, contextos de diálogo, que envolvem dois locutores, em que *claro* constitui, ou é parte de, uma resposta de um locutor a um enunciado do seu interlocutor (Secção 3.1), por outro lado, contextos em que *claro* não configura uma resposta ou comentário ao discurso do interlocutor, mas comenta o próprio discurso, embora, como veremos, esteja sempre, explícito ou implícito, o interdiscurso (Secção 3.2). Os equivalentes funcionais de *claro* em francês nesses dois tipos de contextos serão integrados na discussão, com base nos contextos dos dois corpora paralelos que utilizamos, e de contextos dos corpora monolíngues, quando pertinente, com propostas de tradução nossas.

3.1. *Claro* em contextos de diálogo

Claro pode constituir resposta a uma pergunta do interlocutor ou qualificar uma afirmação do interlocutor. Na verdade, *claro* envolve sempre uma reação a um enunciado outro, quer seja o enunciado do interlocutor a quem responde, quer seja uma convocação de outra perspetiva que pode estar explícita ou implícita.

O marcador *claro* pode constituir uma resposta positiva ao enunciado do seu interlocutor, sendo frequentemente resposta a interrogativas-tag, como em (16). Nesses contextos, *claro* assinala a concordância, mas além disso indica que o locutor tinha já conhecimento do que o interlocutor afirmou, isto é, que o enunciado do interlocutor configura conhecimento partilhado. Nesse aspeto, *claro* difere de *sim*, que assinala concordância sem que a informação seja considerada do conhecimento do locutor. Ao tratar-se de conhecimento partilhado, *claro* configura a eliminação de respostas alternativas, como em (17), em que a resposta com *claro* marca que outra alternativa não poderia ser considerada e o equivalente em francês no corpus é *bien sûr*. A frase que segue *claro* (em itálico) assinala essa inevitabilidade, podendo mesmo a resposta revelar surpresa em relação à pergunta.

- (16) RF: Isso é já uma condicionante muito grande, e as pessoas começam a pensar na saúde, não é?
Eu costumava outro dia dizer
FSS: É claro. E se conduzir não beba
RF: que o bêbedo era o grande amigo do viticultor, mas não há dúvida nenhuma que temos de combater o alcoolismo público. (CRPC-oral)
- (17a) A respondente para cá, a respondente para lá, Lisboa tantos de tal na sede desta Polícia. A linhas tais e tais o chefe de brigada, interrompe-se para lembrar que qualquer correção pode ser feita em aditamento. Mena sabe. Adiante. Avisa no entanto que desta vez é definitivo, últimas declarações. Convém deixar tudo em ordem porque vai ser transferida, esclarece ele.



Transferida?, pergunta a presa.

Elias Chefe: Claro. *Não é nada que não estivesse à espera, acho eu.* (Balada, 163)

(17b) Bien sûr. Il n'y a là rien qui puisse vous surprendre, je crois (Balada, 235)

A pergunta e a resposta podem ter uma única fonte enunciativa, sendo uma forma apelativa de apresentar a informação, num caso de dupla locução, uma vez que a pergunta-resposta não remete para dois locutores reais, mas sim para um “segundo locutor *virtual*” (Grésillon & Lebrave, 1984, p. 123; Mendes et al., 2020). Nesse caso, o próprio locutor sugere através da pergunta a possibilidade de várias respostas, para de seguida identificar a única válida, como em (18).

(18a) Este relatório remete-nos para a seguinte pergunta: para quê a política regional? Para reduzir as disparidades regionais, está claro.

(18b) Ce rapport nous renvoie à la question du pourquoi de la politique régionale? Pour réduire les disparités régionales bien sûr. (Europarl 1819)

Em contextos de diálogo, *claro* pode não responder a uma pergunta, mas sim qualificar uma asserção do interlocutor, como em (19), um exemplo de corpus monolíngue. Um uso equivalente é documentado no corpus monolíngue de francês, no exemplo (20), ocorrendo dois marcadores discursivos: *bien sûr* no turno do falante 1 e *c'est clair* no turno do falante 3 (neste caso, seguido ainda de *oui* ‘sim’). Em (19) e (20), não existe resposta positiva, mas sim confirmação da validade do conteúdo da fala do interlocutor, a indicação de que a informação ou o posicionamento do interlocutor é partilhado pelo locutor.

(19) *MAR: / quer dizer / não &se / não / não sei se / não haveria / não deveria haver / um / certo / uma certa apreciação / casuística // \$ porque também há pessoas que se eternizam nos <lugares> // \$

*JOS: [<] <claro> // \$ claro // \$ <hhh>\$. (CRPC oral)

(20a) Spk2: enfin dans Paris aussi on entend parler les étrangers tiens on s'dit

Spk1: bien sûr (CFPP2000)

‘Spk2: mas em Paris também se ouvem falar os estrangeiros olha dizemos nós. Spk1: claro

(20b) Spk 4: non parce qu'le R.E.R. ça va vraiment très vite mais j'vais plus vite qu'en métro [en vélo]

Spk 3: oh ben c'est clair oui (CFPP2000)

‘Spk4 : não porque o R.E.R vai mesmo depressa mas eu vou mais depressa do que de metro [de bicicleta] Spk 3 : ah sim está claro sim

É frequente *claro* ocorrer em resposta a um comentário modalizado do interlocutor, como em (21), em que elimina uma alteridade, que pode ser contemplada de forma explícita ou implícita. Em (21), a primeira fala sugere que ser uma insinuação terrível é uma opinião do interlocutor (e implicitamente não é opinião de quem fala), sendo essa posição enunciativa eliminada pela resposta (*claro que é*), que estabelece uma inevitabilidade e reposiciona a interação do domínio da opinião para o da facticidade. São estes enunciados tipicamente exclamativos, podendo ocorrer *claro / claro que é / claro que sim*, e sendo os possíveis equivalentes funcionais em francês *évidemment, bien sûr, bien sûr que oui*. *Claro* pode qualificar um enunciado anterior que tem a mesma fonte enunciativa, havendo eliminação de outras possíveis interpretações do próprio locutor, tal como (18) era uma resposta a uma pergunta da mesma fonte enunciativa. Veja-se (22), em que a inevitabilidade do comentário é marcado por *claro* após um processo de eliminação interior de outras alternativas (em itálico), sendo *claro* traduzido por *bien sûr*.



- (21) Se acha que é uma insinuação terrível
O Sr. Miguel Macedo (PSD) : - Claro que é ! (CRPC-escrito)
- (22a) Feitos os cálculos pelo provável, Elias Chefe determina que chegaram ali de madrugada. De táxi, não podia ter sido doutra maneira. Claro, de táxi. (Balada, 16)
- (22b) En taxi, *cela ne pouvait être autrement*. Bien sûr, en taxi. (Balada, 31)

Esse processo de reflexão sobre possíveis alternativas e escolha de uma única válida é frequentemente expresso através de *claro* precedido, e sobretudo seguido, do verbo *estar* (*está claro/ claro está*) e com equivalentes em francês como *bien sûr, c'est clair, bien entendu*. A expressão *está claro* parece remeter para o momento da enunciação e para a confirmação ancorada nesse momento, pelo que pode ocorrer em contextos em que o locutor está a considerar alternativas e, durante esse processo de pensar/dizer, elimina todas menos uma. Pela proximidade com o momento de enunciação, também apresenta maior proximidade semântica com o adjetivo (o que dizes está claro, o que dizes não pode levantar dúvidas). A expressão ocorre em posição apositiva, com orientação para o segmento precedente, como em (23) ou para o segmento seguinte, como em (24), ou introduzindo uma completiva (*está claro que / claro está que*), como em (25). Embora o verbo *estar* remeta para o momento da enunciação, a expressão está lexicalizada e gramaticalizada, não admitindo variação da flexão verbal. O equivalente em francês em (25), *la chose est claire* 'a coisa é clara', apresenta o verbo *être* em construção copulativa com sujeito feminino singular e concordância do adjetivo *clair*.

- (23a) Agradeço à Comissão que o tenha feito, ainda que não concorde, claro está, com tudo o que a Comissão aqui disse.
- (23b) je remercie la Commission de l'avoir fait, même si, bien entendu, je ne partage pas tout ce qu'elle a dit. (Europarl 9669)
- (24a) A questão reside em saber se podemos - e sobretudo se queremos - assegurar que os nossos cidadãos gozem de um descanso nocturno e, claro está, de um descanso diurno saudáveis.
- (24b) La question qui se pose est la suivante : sommes-nous capables d'assurer à nos citoyens une nuit, et même une journée saine de tranquillité et, surtout, en avons-nous la volonté politique ? (Europarl 50027)
- (25a) Senhor Presidente, claro está que todos têm direito ao silêncio.
- (25b) Monsieur le Président, la chose est claire : tout le monde a droit au silence. (Europarl 36164)

O uso de *claro está* em posição apositiva em final de enunciado tem frequentemente valor de avaliação negativa em relação a outra posição enunciativa, como em (26), que segue um contexto com modalização autonímica de empréstimo (segmentos entre aspas) que reconfigura, negativamente, o discurso do outro e pode ser expresso em francês por *bien entendu*. Ou um posicionamento em relação ao seu próprio discurso, como no exemplo (27) com *bien entendu*.

- (26) Exprime as suas exigências pela boca do presidente da CIP, advoga a tranquilidade dos espíritos e a ordem nas ruas e nas empresas, a « sua tranquilidade » e a « sua ordem », claro está. (CRPC-escrito)
- (27) quand je vais voilà quand je vais m'acheter de la nourriture + quand j'ai envie d'une chose tant que c'est pas de m'acheter un diamant de dix carats place Vendôme hein bien entendu (CFPP2000)



‘quando vou lá está quando vou comprar comida + quando tenho vontade de uma coisa desde que não seja comprar um diamante de dez quilates na praça Vendôme hum claro está’

Em certos contextos, *claro* não assinala necessariamente que o locutor também partilha o conhecimento do seu interlocutor, mas sim que a informação está de acordo com o conhecimento que tem de outras situações, que tornam p inevitável. *Claro* indica um valor factual, inevitável de acordo com as circunstâncias e, portanto, incontestável. Os equivalentes funcionais em francês nestes contextos apontam aliás para o estatuto factual, pela presença do elemento *fait* ‘facto’ nalgumas unidades: *évidemment, de fait, c’est un fait*. É o caso de (28), em que *claro* assinala que o comportamento da polícia era previsível e inevitável, numa construção antiteleonímica, com avaliação negativa e construção retroativa da previsibilidade, que poderia ter como equivalente em francês *évidemment*. A natureza incontestável de p pode ser expressa no enunciado do interlocutor, como em (29), em que o interlocutor usa marcadores de certeza (*não há dúvida nenhuma*), e que poderia ser expressa em francês por *de fait, c’est un fait*.

- (28) *PED: [<] <e> depois <a polícia foi-se embora durante a noite> // \$
*SAN: [<] <hhh> \$
*NUN: <hhh> // \$
*AMA: [<] <claro> // \$ (CRPC-Oral)
- (29) RF: (...) Ora, *não há dúvida nenhuma* que do ponto de vista cultural o vinho não é a mesma coisa que o whisky.
FSS: É claro. Ah... há um outro dado: a... o consumo de vinho em Portugal tem vindo a decrescer acentuadamente nos últimos anos. Concorda com, com esta, com esta análise? (CRPC-oral)

Claro pode assinalar apenas que o interlocutor mantém a sua atenção ao discurso do outro, sem forçosamente garantir concordância com o que é dito. No entanto, em comparação com o marcador discursivo *pois*, *claro* favorece uma leitura, mesmo fraca, de concordância (que pode ser verdadeira ou apenas assegurar a continuação da interação). No exemplo (30), a informação apresentada pelo primeiro falante (GRA) não é conhecimento partilhado por LUC antes da interação, que inicia o turno de fala com *pois*, que marca a sua atenção à troca comunicativa. Num segundo momento do seu turno de fala, LUC integra a informação como conhecimento próprio (há uma pausa longa, com fim de enunciado após o segundo *pois*), e usa *claro*, dando aliás de seguida uma justificação para este posicionamento enunciativo (*claro porque*), podendo ser equivalentes funcionais em francês *bien sûr, en effet*. Pelo contrário, no exemplo (31), em que dois interlocutores diferentes reagem respetivamente com *pois* e *claro* ao turno de fala de MAR, não é possível determinar se *claro* envolve concordância ou apenas a confirmação da atenção.

- (30) *GRA: eu acho / eu só tenho um termo em / francês / para definir um tipo destes // \$ É um emmerdeur // \$
*LUC: [<] <hum // \$ pois // \$ pois> // \$ hhh / <claro // \$ claro / porque não resolve a vida dele nem a das pessoas também> // \$ (CRPC-Oral)
- (31) *MAR: &eh / &u / uma avaliação / por exemplo // \$ para j: / devia ser casuístico // \$ portanto / a &casuisti / a casuisticidade / implicaria / uma avaliação / e a possibilidade de prolongar ou <não> // \$
*JOS: [<] <hum> hum // \$
*MAR: / incentivos // \$ conhecimentos / etcetera // \$ e não é com aquelas / &eh / com aqueles / cursozinhos de nada / <e com aqueles> // \$
*FER: [<] <pois> // \$



*JOS: [<] <claro> // \$ (CRPC-oral)

O exemplo seguinte, mais extenso, confirma a disponibilidade de *claro* para assegurar um valor de concordância (e conhecimento partilhado) e um valor de confirmação de atenção (*monitoring*): o uso de *claro*, juntamente com *exacto* e *isso mesmo* na fala de B aponta para um valor de concordância, mas o uso de *claro* pelo falante A parece apenas assinalar a atenção ao discurso de B e incentivar a sua continuação.

(32) A - eh, eh, essas pessoas, que portanto agora q[...] há muita gente que, de formação no exterior, isso significará que talvez de, dentro dum, dum, dum futuro mais ou menos próximo, quem quiser fazer... a sua investigação terá mais condições até para a fazer dentro de Portugal. Porque *já há p[...] pessoas que vieram de fora com boa preparação e que podem orientar, não?*

B - exacto, claro, isso mesmo. eh... eh... porque são pessoas que estão muito mais disponíveis realmente para o trabalho científico, para orientar os outros, eh... para, para, para criar equipas de trabalho, eh, vão precisar é que lhe também dêem meios técnicos, não é.

A - claro.

B - mas desde que isso exista e desde que as escolas apostem também na investigação, que era uma velha pecha, as universidades portuguesas estavam exclusivamente voltadas para o ensino, eram exclusivamente máquinas de avaliação, em que... se davam as aulas e se avaliavam os alunos e mais nada e não se procurava realmente favorecer nem... incentivar a investigação. não... não se procuravam realmente, que é uma componente que tem que ser forte e que tem de ser acarinhada, não é, tem que se dar condições de trabalho aos docentes, dar-lhe gabinetes, dar-lhe meios técnicos, computadores laboratórios, essas coisas todas e... e criar-lhes condições de trabalho. [...] tem que se fixar as pessoas assim. porque senão também eles começam a... dispersar-se, a ficar divididos, a procurar um múltiplo emprego,

A - claro.

B - também depende um pouco do, da visão das escolas de que, do, de quem estiver à frente das escolas e de que é, da forma de gerir das escolas e também um pouco também de... da visão do, de, de quem pode às vezes... repartir os bolos e os dinheiros, não é, eh... mas... penso que essa componente não pode ser descuidada, sob pena de, de realmente a universidade não, não, não... estar realmente a... a fa[...], a... a funcionar da maneira que, que, do meu ponto de vista... devia ser a sua, não é, funcionar m[...] realmente a universidade tem que ser um local essencialmente de investigação, do aprofundamento do saber. também ensinar, também é, isso é verdade.

A - claro. (CRPC-oral)

3.2. *Claro* em contextos de dialogismo interdiscursivo

Nos exemplos anteriores, *claro* responde ou qualifica, direta ou indiretamente, o discurso do interlocutor (podendo ser um locutor virtual, como em (18)). *Claro* pode ainda ocorrer em contextos que não configuram um diálogo e em que o locutor qualifica uma proposição do seu próprio enunciado como expectável, inevitável, decorrendo de convenções conhecidas do interlocutor e dos participantes na comunicação. Em (33), *claro* tem como equivalente funcional em francês o advérbio *naturellement* e em (34) *bien évidemment*.

(33a) Os fundos de pensões, a que foram impostas regras estipulando em que é que podiam ou não investir, tal como acontecia com as nossas obrigações do Tesouro, tiveram uma rentabilidade anual de 5,2%, ou seja, menos de metade da rentabilidade anual de 9,5% dos fundos livres, entre 1984 e 1996. Claro que estamos a falar dos resultados obtidos depois de terem sido deduzidas todas as perdas.



- (33b) Les fonds de pension qui ont souffert de cette seconde approche et qui n'ont pas pu investir où bon leur semblait pour respecter les exigences de nos bons du Trésor, ont obtenu un rendement de 5,2 % par an, à peine la moitié des 9,5 % de rendement annuel obtenu par les fonds libres entre 1994 et 1996. Il s'agit naturellement du rendement après déduction de toutes les pertes. (Europarl 14751)
- (34a) Aquilo que agora esperam as populações sinistradas, aqueles que perderam tudo, nomeadamente entre os que trabalham no mar ou no turismo, aqueles cuja actividade ficou comprometida por vários anos, é não só que os poluidores reparem os danos que cometeram, mas que sejam envidados todos os esforços para que a sua desgraça actual sirva, de futuro, aos outros, a fim de impedir que voltem a verificar-se crimes semelhantes.
Estamos a pagar, é claro, o preço do nosso desleixo. (Europarl 2221)
- (34b) Ce qu'attendent maintenant les populations sinistrées, ceux qui ont tout perdu, notamment parmi les professionnels de la mer et du tourisme, ceux dont l'activité est compromise pour plusieurs années, c'est non seulement que les pollueurs réparent les dégâts qu'ils ont commis, mais que tout soit mis en oeuvre pour que leur malheur actuel serve demain aux autres afin d'empêcher le renouvellement de pareils crimes.
Nous payons bien évidemment le prix de nos abandons.

É frequente o uso de *claro* indicar uma reação a uma outra interpretação, explícita ou implícita, de um interlocutor real ou virtual. Por exemplo, em (35), poderia haver alguma dúvida por parte do interlocutor sobre a posição da comissão a que pertence o locutor. Nestes contextos, os equivalentes em francês apontam para uma fonte enunciativa que é uma comunidade não especificada a que pertence o locutor (*ON-locuteur*, na proposta de Anscombe (2013)), que atribui um valor epistémico consensual e inevitável à proposição: *il est évident que* 'é evidente que', *nul doute que* 'nenhuma dúvida de que', *naturellement* 'naturalmente', sendo que *nul doute que* verbaliza a eliminação da alteridade.

- (35a) A Comissão partilha da preocupação crescente com o desaparecimento do jornalista russo Andrei Babitsky e com a questão da liberdade de imprensa em geral na Chechénia. Esta questão veio agravar a nossa grande preocupação com a situação da população civil da Chechénia em geral, e já não é a primeira vez que oiço o senhor deputado Posselt referir-se ao assunto. Chegam-nos notícias alarmantes sobre violações dos direitos humanos. Claro que o recurso à força neste conflito é desproporcionado. A delegação da Comissão em Moscovo participou numa démarche da tróica da União Europeia em Moscovo, a onze deste mês. Sublinhámos a nossa grande preocupação com a questão da liberdade de imprensa e da liberdade de expressão.
- (35b) La Commission partage l'inquiétude croissante due à la disparition du journaliste russe, M. Babitsky, et aux conditions des médias indépendants de Tchétchénie en général. Ce sujet est au sommet de nos principales inquiétudes face à la situation critique de la population civile de Tchétchénie, dont M. Posselt vient de parler. Des nouvelles alarmantes parlent de violations des droits de l'homme. Il est évident qu'il y a eu un recours disproportionné à la force dans ce conflit. La délégation de la Commission à Moscou a participé à une démarche de la Troïka de l'Union européenne le 11 de ce mois. Elle a souligné ses vives inquiétudes en matière de liberté de la presse et de liberté d'expression (Europarl 16859)

No caso de (36), a fala de X, aqui encurtada, mostra que este falante se posiciona contra a introdução de um imposto e implícita que esse imposto trará menos clareza. O falante Y considera inquestionável a necessidade de clareza (é claro que...) e de seguida responde ao implícito (o imposto Tobin vai...).



- (36a) X: O mercado de capitais não precisa de insegurança provocada por nós, *o mercado de capitais precisa é de clareza da nossa parte.* (...)
 Y: Estamos à procura de soluções. É claro que os mercados de capitais precisam de clareza – é de facto essa a ideia. O imposto Tobin vai trazer uma certa transparência a uma questão que é muito obscura.
- (36b) X : Le marché des capitaux n’attend pas de nous que nous amenions l’incertitude, il a besoin de clarté.
 Y : Nous cherchons des solutions. Nul doute qu’il faille plus de clarté sur les marchés de capitaux : c’est bien là l’idée. La taxe Tobin mettra un peu de transparence dans cette question très obscure. (Europarl 6294)

É frequente *claro* ocorrer numa sequência argumentativa, em que estabelece a factualidade e inevitabilidade de *p*, e é seguido por uma relação de oposição, marcada explícita ou implicitamente: *claro que p, mas*. Em (37), *claro* indica que o locutor e o seu interlocutor (leitor virtual) sabem ambos que Mena não o poderia ter dito, mas mesmo tendo em conta esse facto, o locutor pode fazer a afirmação sobre o estado de Mena e do major. Em (38), *claro* assinala a integração de um contra-argumento (houve progressos) seguido de um relação concessiva (contrariamente ao que *p* sugere, é necessário continuar os esforços). Esta estrutura é mantida na tradução francesa, com um movimento de concordância seguido de uma oposição marcada em ambos os casos por *mais*. Em (37), *claro* tem como equivalente *évidemment*, mas em (38) ocorre um marcador que é específico destes contextos de oposição, *certes* (que em português poderia ser transposto por *é certo que, é verdade que*).

- (37a). «Nem se vestiu.» Palavras da própria. Nua em pêlo como saiu dos braços do major, a lavar paredes no grande desespero. E o major a dormir o sono dos desgastes, mais que pacificado no corpo dela. Não o disse, claro, mas esses segredos lê-lhos Elias na raça que ela tem, não carecem de ser mencionados. (Balada, 128)
- (37b) «Elle ne s’est même pas habillée.» Ses propres paroles. Complètement nue, comme elle était sortie des bras du major, lavant les murs dans le grand désespoir. Et le major qui dormait d’un sommeil repu, tout pacifié par le corps de Mena. Elle ne l’a pas dit, évidemment, mais ces secrets, Elias les lit sur la nature de ce corps, ils n’ont pas besoin d’être mentionnés (Balada, 186)
- (38a) Os actos racistas e xenófobos são completamente inaceitáveis na nossa Comunidade, seja qual for o local em que ocorram. São contrários aos princípios que estão na base da fundação da União Europeia, como o disse ontem o presidente Havel: os princípios da liberdade, da democracia e do respeito pelos direitos humanos. Claro que nestes últimos anos se fizeram progressos, *mas* temos de continuar a esforçar-nos juntos por criar um clima de tolerância, em que o racismo e a xenofobia sejam considerados totalmente reprováveis e inaceitáveis, ao mesmo tempo que tratamos com severidade incidentes como aqueles de que estamos a falar aqui esta tarde.
- (38b) Les actes racistes et xénophobes sont totalement inacceptables au sein de notre Communauté, quel que soit l’endroit où ils se manifestent. Ils sont contraires aux principes mêmes sur lesquels a été fondée l’Union européenne, comme M. Havel le disait hier : les principes de la liberté, de la démocratie et du respect des droits de l’homme. Certes, des progrès ont été accomplis ces dernières années, *mais* nous devons encore oeuvrer ensemble pour aboutir à un climat de tolérance où le racisme et la xénophobie sont inacceptables, tout à fait inadmissibles, tout en répondant avec une extrême vigueur aux incidents tels que ceux dont nous parlons cet après-midi. (Europarl 16487)



O exemplo (39) evidencia uma oposição marcada implicitamente nas duas línguas. *Claro* assinala a concordância com o que é asserido e a relação de oposição é assegurada pela estrutura contrastiva (não é aí que está o mal (...) o mal está...).

- (39a) «Claro», insiste o major, «o homem tem todo o direito de olhar». (Mena continua sob a mão de Dantas C; percorrida, divagada.) «Olhar para onde ele quiser. As vezes que quiser. Olhar à vontade, não é aí que está o mal. Mal nenhum», repetiu. «*O mal está no ar sorna do gajo*, na maneira como o gajo anda a «mudar o telefone.» (Balada, 40)
- (39b) «Bien sûr», insiste le major. «il a bien le droit de regarder» (Mena est encore sous la main de Dantas C. ; parcourue, sillonnée). «De regarder où il veut. Autant de fois qu'il le veut. Regarder à son aise, le mal n'est pas là. Pas du tout», répéta-t-il. «*Le mal est dans l'air sournois qu'il a, dans sa manière de surveiller le téléphone.*» (Balada, 64)

Mesmo nos contextos em que *claro* não responde ou comenta o discurso de um interlocutor direto, estabelece um relação entre o discurso do locutor e um outro discurso, quer o discurso de uma comunidade epistémica em que o locutor se insere, quer um discurso implícito de um alocutor real ou virtual.

A Tabela 1 sistematiza os valores de *claro* e os seus equivalentes funcionais em francês.

Tabela 1. Valores de *claro* e equivalentes funcionais em francês

Valores de <i>claro</i>	Equivalentes funcionais em francês
Contextos de diálogo	
Resposta como eliminação de alternativa e conhecimento partilhado (≠ sim) claro / é claro / é claro que p	bien sûr (que oui/non)
Qualificação de uma asserção: concordância e conhecimento partilhado claro / é claro / é claro que sim / está claro	bien sûr, c'est clair
Eliminação de outra posição enunciativa oposição; avaliação negativa; ironia claro / é claro / claro que	évidemment, bien sûr (que oui) bien entendu
Qualificação do conteúdo enunciativo como factual, incontestável	évidemment, de fait, c'est un fait, bien sûr
Concordância, <i>monitoring</i>	bien sûr, oui
Contextos de dialogismo interdiscursivo	
Qualificação do conteúdo enunciativo como inevitável, expectável (decorre de convenções)	naturellement
Qualificação do conteúdo enunciativo como inevitável; enunciado como reação a outra posição enunciativa	il est évident que, nul doute que
Relação de oposição, concessão	certes

Analisados os contextos de *claro* e seus equivalentes funcionais em francês, interessa-nos voltar à discussão inicial sobre a categorização desta unidade. Como vimos, o equivalente funcional *of course* em inglês foi categorizado como partícula modal nalguns dos contextos analisados em Aijmer (2013). No caso de *claro*, e à semelhança da discussão em Cuenca (2013), vemos que, embora tenha um valor epistémico, não apresenta algumas das propriedades essenciais para poder ser considerado uma partícula modal. Assim, como mostra o exemplo (17a), *claro* pode constituir, de forma isolada, uma resposta a uma pergunta e ocorre como elemento



parentético, precedido ou não de verbo *ser* ou *estar*, em posição final de frase, como em (18a), inicial (22a), medial (37a). Estas propriedades excluem desde logo a sua possível categorização como partícula modal, se respeitarmos os critérios estabelecidos para as línguas germânicas. Estas características levam, aliás, a uma proposta de categorização do catalão *clar* como “marcador modal”, uma categoria que em Cuenca (2013) inclui também interjeições e advérbios modais. Uma vez que a definição de marcador discursivo usada na nossa análise é abrangente e envolve várias funções, entre as quais valores modais, analisamos *claro* como um marcador discursivo nos vários contextos aqui considerados.

4. Comentários finais

A análise dos contextos de *claro* e seus equivalentes funcionais em francês mostra que esta unidade desempenha funções discursivas com valores modais e também estruturais. A análise dos equivalentes em francês do marcador *claro* aponta para um conjunto restrito de contextos em que *clair* pode ocorrer: são construções com verbo copulativo em que *clair* ainda tem, possivelmente não totalmente, um comportamento adjetival. Assim, o processo de gramaticalização de adjetivo em marcador discursivo que é descrito para o português, o castelhano e o catalão, não ocorreu em francês. Na generalidade dos contextos em que ocorre *claro*, os corpora paralelos consultados mostram que *bien sûr* pode ser um equivalente funcional, mas alguns contextos apontam para outros equivalentes preferenciais, como mostra a Tabela 1. A análise de *claro* insere-se no trabalho em curso sobre marcadores discursivos que veiculam valores modais, como o caso de *de facto*, que assinala, de forma geral, um comprometimento do locutor baseado num valor de factualidade (Mendes & Lejeune, no prelo). Os marcadores *de facto* e *claro* aproximam-se pelos seus valores de confirmação / concordância e de marcação de um conhecimento prévio: *de facto* tem primeiramente um valor de confirmação da perspectiva de outra entidade (em contexto dialógico), ou da perspectiva do próprio locutor quando esta é inicialmente modalizada. Diferem, nestes contextos, por *claro* assinalar a posição enunciativa como inevitável, resultado de convenções partilhadas por uma comunidade enunciativa mais lata. Tanto *de facto* como *claro* podem ocorrer em estruturas argumentativas, mas com diferenças significativas. O marcador *de facto* é nesses contextos tipicamente precedido de *mas* e introduz um segmento com valor de oposição, podendo ser interpretado com valor adversativo mesmo sem a presença da conjunção. O marcador *claro* marca um primeiro movimento de integração da perspectiva do outro e dos seus contra-argumentos, sendo seguido de um movimento de oposição tipicamente marcado pela adversativa *mas*, ou marcado implicitamente. Ambos os marcadores partilham ainda funções estruturais, mas enquanto *de facto* é usado nesses contextos para fazer progredir a informação e introduz um segmento elaborativo, *claro* é usado para marcar a concordância com o outro e/ou a atenção ao interlocutor. Os equivalentes de *claro* em francês realçam a concordância e o conhecimento partilhado (*bien sûr*), a factualidade (*de fait, c'est un fait*), a oposição e até ironia (*bien entendu*) e a inserção em estruturas argumentativas precedendo segmentos contrastivos ou concessivos (*certes*).

Sobressai da análise de *claro* a sua natureza dialógica e polifónica: configura uma resposta ou comentário a um enunciado anterior ou virtual e também configura um contexto polifónico, que convoca um conhecimento partilhado entre locutor, interlocutor e a comunidade discursiva a que pertence o locutor (*ON-locuteur* (Anscombre, 2013)).

Agradecimentos

Este trabalho foi realizado com o apoio do financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UIDP/00214/2020.



Referências

- Aijmer, Karin (2013) Analyzing modal adverbs as modal particles and discourse markers. In Liesbeth Degand, Bert Cornillie & Paola Pietrandrea (eds.), *Discourse markers and modal particles. Categorization and description*. John Benjamins, pp. 89–106.
- Amiot, Dany & Nelly Flaux (2007) Naturellement en position détachée. In Nelly Flaux & Dejan Stosic (eds.), *Les constructions détachées : Entre langue et discours*. Artois Presses Université, pp. 58–102.
- Anscombre, Jean-Claude (2013) Entité lexicale : Bien sûr. In Jean-Claude Anscombre, María Luisa Donaire & Pierre Patrick Haillet (eds.), *Opérateurs discursifs du français. Éléments de description sémantique et pragmatique*. Peter Lang, pp. 73–82.
- Coniglio, Marco (2008) Modal particles in Italian. *University of Venice Working Papers in Linguistics* (Vol. 18). University of Venice, pp. 91–129.
- Crible, Ludivine & Liesbeth Degand (2019) Domains and functions: A two-dimensional account of discourse markers. *Discours* 24. <https://doi.org/10.4000/discours.9997>
- Costa, Ana Luísa (2013) Um pois estruturador. In *Textos Seleccionados, XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. APL, pp. 199–211.
- Cuenca, Maria Josep & Maria Josep Marín (2009) Co-occurrence of discourse markers in Catalan and Spanish oral narrative. *Journal of Pragmatics* 41 (5), pp. 899–914. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2008.08.010>
- Cuenca, Maria Josep & Maria Josep Marín (2012) Discourse markers and modality in spoken Catalan: The case of *(és) clar*. *Journal of Pragmatics* 44 (15), pp. 2211–2225. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2012.09.006>
- Cuenca, Maria Josep (2013) The fuzzy boundaries between discourse marking and modal marking. In Liesbeth Degand, Bert Cornillie & Paola Pietrandrea (eds.), *Discourse markers and modal particles. Categorization and description*. John Benjamins, pp. 181–216.
- Degand, Liesbeth, Bert Cornillie & Paola Pietrandrea (eds.) (2013) *Discourse markers and modal particles. Categorization and description*. John Benjamins.
- Diewald, Gabriele (2013) “Same same but different” – Modal particles, discourse markers and the art (and purpose) of categorization. In Liesbeth Degand, Bert Cornillie & Paola Pietrandrea (eds.), *Discourse markers and modal particles. Categorization and description*. John Benjamins, pp. 19–45.
- Dostie, Gaétane (2001) L’ambiguïté, la synonymie et l’implicite en lexicographie. Quelques observations à partir du champ sémantique ‘évidence’. In Paul Bogaards, Johan Rooryck & Paul J. Smith (eds.), *Quitte ou Double sens : Articles sur l’ambiguïté offerts à Ronald Landheer*. Rodopi, pp. 65–85.
- Duarte, Isabel Margarida (1989) *Alguns operadores de agulhagem comunicativa (na prosa narrativa de Eça de Queirós e José Cardoso Pires)*. Tese de mestrado, Universidade do Porto.
- Duarte, Isabel Margarida (2005) Palavras do falar desataviado de todos os dias em Balada da Praia dos Cães. *Semear* 11, pp. 97–125.
- Favaro, Marco (2021) *Pragmatic markers in Italian. Four case studies on illocutive functions of adverbs and sociolinguistic variation*. Tese de Doutoramento, Universidade de Turim & Universidade Humboldt de Berlim.
- Franckel, Jean.-Jacques (2005) De l’interprétation à la glose: Vers une méthodologie de la reformulation. In D. Lebaud (ed.), *Actes du colloque D’une langue à l’autre*. Presses Universitaires de Franche-Comté, pp. 51–78.
- Franckel, Jean-Jacques, Dar Non & Sophie Rose (2017) Étude de certains marqueurs discursifs « perception » en français, russe et khmer. *Langages* 207, pp. 49–64. <https://doi.org/10.3917/lang.207.0049>
- Franco, António C. (1990) Partículas modais do português. *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas* 7, pp. 175–196.
- Fuentes Rodríguez, Catalina (1993) *Claro: modalización y conexión*. In Pedro Carbonero Cano & Catalina Fuentes Rodríguez (eds.), *Sociolingüística andaluza: Estudios sobre el lenguaje oral* (Vol. 8). Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, pp. 99–126.



- Généreux, Michel, Iris Hendrickx & Amália Mendes (2012) A large Portuguese corpus on-line: Cleaning and preprocessing. In Helena Caseli et al. (eds.), *Proceedings of the 10th International Conference PROPOR1012*. Springer-Verlag, pp. 113–120.
- Grésillon, Almuth & Jean-Louis Lebrave (1984) Qui interroge qui et pourquoi? In Almuth Grésillon & Jean-Louis Lebrave (eds.), *La langue au ras du texte*. Presses Universitaires de Lille, pp. 57–132.
- Halliday, Michael A. K., & Christian M. Matthiessen (2004) *An introduction to functional grammar* (3.^a ed.). Arnold.
- Koehn, Philipp (2005) Europarl: A parallel corpus for statistical machine translation. In *Conference Proceedings of the tenth Machine Translation Summit*. Asia-Pacific Association for Machine Translation, pp. 79–86. Disponível em <https://aclanthology.org/2005.mtsummit-papers>
- Lejeune, Pierre & Amália Mendes (2020) Le marqueur discursif du portugais européen *pois* et ses principaux équivalents fonctionnels en français : Analyse contrastive. In Isabel Duarte & Rogélio Ponce de León (eds.), *Marcadores discursivos. O português como referência contrastiva*. Peter Lang, pp. 99–120.
- Lejeune, Pierre & Amália Mendes (no prelo). *Functional French equivalents of some modal uses of European Portuguese discourse particle lá*. Peter Lang.
- Lima, José Pinto de (2002) Grammaticalization, subjectification and the origin of phatic markers. In Ilse Wischer & Gabriele Diewald (eds.), *New reflections on grammaticalization*. John Benjamins, pp. 363–378.
- Lopes, Ana Cristina Macário (2012) Contributos para uma análise semântico-pragmática das causais de enunciação no português europeu contemporâneo. *Alfa* 56 (2), pp. 451–468. <https://doi.org/10.1590/s1981-57942012000200005>
- Lopes, Ana Cristina Macário (2021) Contributos para o estudo do marcador discursivo “claro” em português europeu. *Revista Galega de Filoloxía* 14, pp. 71–83.
- Mauranen, Anna (1999) Will ‘translationese’ ruin a contrastive study?. *Languages in Contrast* 2 (2), pp. 161–85. <https://doi.org/10.1075/lic.2.2.03mau>
- Mauranen, Anna (2016) Corpora, universals and interference. In Anna Mauranen & Pekka Kujamäki (eds.), *Translation universals: Do they exist?*. John Benjamins, pp. 65–82.
- Meisnitzer, Benjamin (2012) Modality in the Romance Languages: Modal verbs and modal particles. In Werner Abraham & Elisabeth E. Leiss (eds.), *Modality and theory of mind elements across languages*. De Gruyter, pp. 335–359.
- Mendes, Amália & Pierre Lejeune (no prelo) Discourse markers in Portuguese. In Maj-Britt Mosegaard Hansen & Jacqueline Visconti (eds.), *Manual of discourse markers in Romance*. De Gruyter.
- Mendes, Amália, Pierre Lejeune & Carolina Nunes (2020) Perguntas-respostas em textos escritos: Uma análise no âmbito das relações discursivas. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* 7, pp. 226–241. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln7ano2020a14>
- Molinier, Christian (1990) Une classification des adverbes en -ment. *Langue française* 88, pp. 28–40.
- Noël, Dirk (2003) Translations as evidence for semantics: An illustration. *Linguistics* 41 (4), pp. 75–785. <https://doi.org/10.1515/ling.2003.024>
- Péroz, Pierre (1992) *Systématique des valeurs de bien en français contemporain*. Droz.
- Pons Bordería, Salvador (1998) *Conexión y conectores: Estudio de su relación en el registro informal de la lengua*. Universitat de Valencia.
- Pons Bordería, Salvador (2003) From Agreement to Stressing and Hedging: Spanish *Bueno* and *Claro*. In Gundrun Held (ed.), *Partikeln und Höflichkeit*. Peter Lang, pp. 219–236.
- Pons Bordería, Salvador (2012) Una palabra sobre los apellidos de la sintaxis. In José Bustos Tovar, Rafael Cano Aguilar, Elena García de Paredes & Araceli López Serena (eds.), *Sintaxis y análisis del discurso hablado en español. Homenaje a Antonio Narbona*. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, pp. 375–390.
- Waltereit, Richard (2001) Modal particles and their functional equivalents: a speech-act-theoretic approach. *Catalan Journal of Linguistics* 6, pp. 61–80. [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(00\)00057-6](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(00)00057-6)

